

Concurso Nacional de LEITURA

Fase Intermunicipal - CIMOeste

Sobral de Monte Agraço

NORMAS DE PARTICIPAÇÃO

13.ª edição

























PREÂMBULO

O Plano Nacional de Leitura (PNL), em articulação com a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), com a Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), com o Camões - Instituto da Cooperação e da Língua (Camões, IP), com a Direção-Geral de Administração Escolar/Direção de Serviços de Ensino e das Escolas Portuguesas no Estrangeiro (DGAE/DSEEPE) e com a Rádio Televisão Portuguesa (RTP) promove, no ano letivo de 2018-2019, a 13ª edição do Concurso Nacional de Leitura (CNL).

Esta iniciativa propõe um desafio às competências de expressão escrita e oral dos alunos dos 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário. O processo decorre em quatro fases distintas, ao longo do ano letivo.

O presente documento estabelece as regras gerais da Final da 3.ª Fase do CNL 2018/2019 – **Final Regional da Comunidade Intermunicipal da Região Oeste (CIMOeste)** - cuja entidade organizadora é o Município de Sobral de Monte Agraço, através da Biblioteca Municipal, em colaboração com a Rede Concelhia de Bibliotecas e a RIBO – Rede Intermunicipal de Bibliotecas do Oeste e a CIM- Comunidade Intermunicipal do Oeste.

A Fase Intermunicipal da 13ª Edição do Concurso Nacional de Leitura (CNL) decorre de 7 março e 30 de abril de 2019.

A Final da Fase Intermunicipal do OESTE decorrerá no concelho de Sobral de Monte Agraço a 30 de abril de 2019.

OBJETIVOS

O objetivo central do Concurso Nacional de Leitura é estimular o gosto e os hábitos de leitura e melhorar a compreensão leitora. Pretende-se assim promover o gosto pela leitura entre os jovens, o conhecimento de autores de diversas gerações e de diferentes estilos literários, num encontro que pretende ser uma grande festa do livro e de convívio salutar entre todos os participantes, em torno da leitura.

























DESTINATÁRIOS E CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO

- 1. Alunos do 1°, 2° e 3° Ciclos do ensino básico e alunos do ensino secundário.
- 2. A fase intermunicipal do Concurso Nacional de Leitura destina-se, exclusivamente, aos participantes apurados na 1ª fase do concurso (para o caso dos concelhos só com um Agrupamento) ou na 2ª fase do concurso, realizada nas Bibliotecas da CIM Oeste.
- 3. A participação obriga à prévia inscrição dos concorrentes no PNL e à sua submissão ao regulamento geral do concurso, bem como às presentes normas de participação.

Os concorrentes serão repartidos em quatro grupos:

- a) alunos do 1º ciclo do Ensino Básico;
- b) alunos do 2.º ciclo do Ensino Básico;
- c) alunos do 3.º ciclo do Ensino Básico;
- d) alunos do Ensino Secundário.

LOCAL, HORA E DATA

A prova Intermunicipal do Oeste terá lugar a **30 de abril**.

A receção dos participantes realizar-se-á a partir das 10h30, no Cine - Teatro.

As provas escritas realizar-se-ão na **Biblioteca Municipal de Sobral de Monte Agraço** para os alunos do 1.º ciclo e no **Auditório Municipal** para os restantes alunos.

As provas orais realizar-se-ão no Cine -Teatro de Sobral de Monte Agraço.

AUTORIZAÇÕES

- 1. Os candidatos só poderão participar com autorização expressa dos encarregados de educação.
- 2. Os professores responsáveis deverão enviar antecipadamente, preferencialmente via email, a documentação relativa à captação de imagens, devidamente preenchida e assinada pelos encarregados de educação, sob pena de não poderem participar no concurso.
- 3. Todos os concorrentes deverão ser portadores de um documento de identificação pessoal que terão que apresentar no secretariado, no dia das provas.



























OBRAS SELECIONADAS PARA A PROVA

As provas incidirão sobre as obras já divulgadas, através de cada Biblioteca Municipal que compõe a Comunidade Intermunicipal do Oeste (CIMOeste), junto dos Agrupamentos de escolas/escolas com alunos a concurso, respetivamente:

1.º CICLO

Quando o regato secou António Mota Edições Asa

2.° CICLO

Os ciganos Sophia de Mello Breyner e Andresen e Pedro Sousa Tavares Porto Editora

3.° CICLO

Voa Comigo! Maria Teresa Maia Gonzalez Presença

SECUNDÁRIO

Os Loucos da Rua Mazur João Pinto Coelho Leya

PROCESSO DE APURAMENTO DOS FINALISTAS

Para o apuramento dos finalistas presentes na Final Nacional do Concurso Nacional de Leitura 2018/2019, proceder-se-á a duas provas, uma escrita e uma oral, respetivamente:

- 1°) Uma prova escrita com caráter eliminatório, que decorrerá em simultâneo para todos os níveis de ensino, e que apurará para a etapa seguinte (prova oral), os cinco concorrentes com melhor classificação em cada um dos níveis de ensino.
- 2°) Uma prova oral, pública, em palco, com componente de argumentação e de leitura.

Os dois primeiros classificados em cada categoria serão os apurados da fase intermunicipal, sendo os representantes da Comunidade Intermunicipal do Oeste na fase final do CNL, a realizar no dia 25 de maio, em Braga.



























PROVA ESCRITA

A prova escrita será apresentada em enunciado próprio, fornecido pela organização, no qual será necessário que o aluno preencha o nome, escola de origem e o respetivo concelho.

- a) Nos locais onde se realizar a prova escrita, apenas será permitida a permanência dos concorrentes, devidamente identificados, e dos membros da organização designados para esse efeito.
- b) A prova escrita terá a duração de 45 (quarenta e cinco) minutos, sem tolerância.
- c) A prova escrita será constituída por questões de escolha múltipla, que abrangem o conteúdo das obras lidas.
- d) A prova escrita terá também uma pergunta de desenvolvimento, aberta e de natureza argumentativa, de resposta obrigatória, mas que só será corrigida em caso de empate entre dois ou mais concorrentes vencedores e deverá ser limitada às linhas disponíveis no enunciado.
- e) Após a conclusão da prova, os concorrentes deverão entregá-la à pessoa que lhes for previamente indicada para o efeito. Será registada a ordem de entrega de cada prova.
- g) Em caso de manutenção de uma situação de empate, o júri terá em consideração o tempo de realização de cada prova individual.
- h) No final da prova, os participantes deverão aguardar no local que lhes for indicado.
- i) Em caso de flagrante e inequívoca situação de desrespeito pelas regras que uma prova deste género exige (silêncio, cópia, uso do telemóvel ou outro meio de contacto), o concorrente será convidado a deixar a sala e será eliminado do concurso.

PROVA ORAL

- 1. A prova oral realizar-se-á no Cine-Teatro de Sobral de Monte Agraço.
- 2. Será realizada em primeiro lugar pelos alunos do Secundário, seguindo-se-lhes os do $3.^{\circ}$, $2.^{\circ}$ e $1.^{\circ}$ ciclos do ensino básico, respetivamente.
- 3. A prova oral será composta por dois desafios:



























PROVA DE LEITURA EM VOZ ALTA

Cada aluno deverá ler em voz alta um excerto da obra lida para a prova escrita.

Do Anexo 1 constam 5 excertos de cada obra selecionada, os quais serão sorteados no dia da prova. Os referidos excertos serão numerados de 1 a 5, e a leitura será feita pela ordem de sorteio dos respetivos envelopes (ou seja primeiro procederá à leitura o aluno a quem sair o texto número 1 e assim sucessivamente até ao aluno com o texto número 5).

Os alunos procederão à leitura em voz alta, utilizando para o efeito o próprio livro que poderá ser do aluno ou fornecido pela organização. A leitura deverá ter em consideração os seguintes critérios, os quais serão alvo de avaliação:

<u>Presença física</u>: visa avaliar a natureza física da apresentação, tendo em consideração a postura, a confiança demonstrada, o contacto visual com a audiência.

Voz e articulação: visa avaliar a projeção de voz, o ritmo, a entoação.

<u>Compreensão do texto</u>: visa avaliar se o concorrente compreende o texto; se está atento às mensagens, alusões, ironia, tons de voz, e outras variantes do texto. Em suma, pretende-se avaliar se o concorrente está ou não envolvido com o texto.

PROVA DE ARGUMENTAÇÃO

<u>Desafio</u>: Cada concorrente deverá imaginar que faz parte de um Clube de Leitura/Comunidade de Leitores, onde os participantes trocam regularmente ideias sobre livros e leituras. Utilizando dois ou três argumentos, apresentará a obra que leu, partindo de uma pergunta que será sorteada no dia, de entre um conjunto de cinco, para cada um dos grupos de concorrentes.

A prova terá uma duração máxima de 3 minutos, sendo permitido ter o livro em palco.

Os Jurados avaliarão com base nos seguintes critérios:

<u>Estilo de comunicação</u>: A ideia e a questão essencial foram adequadamente comunicadas à audiência? A linguagem usada foi apropriada: clara, concisa.

<u>Criatividade</u>: O uso de expressão corporal e/ou facial, bem como a utilização de onomatopeias, podem ajudar a tornar a argumentação mais viva e motivante.



























<u>Compreensão</u>: A apresentação ajuda a audiência a perceber as características da obra, gerando motivação para a sua leitura? Verifica-se a existência de um fio condutor que contribui para que a audiência perceba o encadeamento das ideias?

<u>Envolvimento da audiência</u>: o concorrente consegue durante a sua apresentação, manter a atenção da audiência? O concorrente mantém contacto visual com a audiência? A argumentação apresentada provoca na audiência o desejo de ler a obra?

Concluídas as provas orais, se ocorrer empate entre finalistas, o desempate será feito mediante a apresentação oral pública das ideias principais, constantes da questão de desenvolvimento da prova escrita.

JÚRI

1 - O júri é constituído por 5 (cinco) elementos e tem a seguinte composição:

Ana Catarina André, Jornalista Manuela Ribeiro, Escritora Paulo Câmara, Bibliotecário Ruben Ribeiro, Jornalista Rute Marta Nunes, Coordenadora Interconcelhia da Rede de Bibliotecas Escolares

- 2- O júri é soberano e das suas decisões não cabe recurso;
- 3 São competências do Júri:
- a) Coordenar o processo de classificação das provas em formulário ou ficheiro próprio;
- b) Deliberar sobre as classificações finais;
- c) Comunicar os resultados finais.
- 4- Os casos omissos nestas normas serão resolvidos pelos membros do júri.

PRÉMIOS

- 1 Serão atribuídos prémios, a definir pela organização, aos 2 concorrentes de cada categoria apurados para a Fase Final.
- 2 Todos os concorrentes e escolas vencedoras terão direito a um certificado.
- 3 Serão ainda atribuídos a todos os participantes e respetivas escolas, certificados de presença e uma lembrança simbólica a definir pela organização.

O regulamento geral do concurso e as regras relativas às restantes fases podem ser consultados em: http://www.pnl2027.gov.pt/

























Fase Intermunicipal - CIMOeste

Sobral de Monte Agraço

ANEXO 1

PROVA DE LEITURA EM VOZ ALTA



EXCERTOS DAS OBRAS



EXCERTO Nº 1

O Sol brilhava, o céu estava azul e o silêncio tomava conta da mata. Era verão e havia muito calor, tanto calor!

O coelho Bitó não gostava nada das tardes abrasadoras que pareciam nunca mais ter fim.

Essas tardes compridas aborreciam-no imenso porque tinha de ficar parado debaixo das copas das árvores que davam sombra.

O calor intenso das tardes de verão fazia-lhe sede.

Às vezes, um sono profundo vinha ter com ele. Vinha de mansinho. E era bom dormir assim.

Também era muito bom sonhar.

Às vezes, os sonhos do coelho Bitó eram muitos estranhos, cheios de aventuras extraordinárias.

A dona Fofa avisou os filhos, muito preocupada:

- Meninos, o mundo não é feito só de boas notícias! Às vezes, as más notícias vêm ter connosco. É assim o mundo. E hoje tenho uma má notícia para vos dar: o regato secou. No regato onde íamos beber não há uma única gota de água.
 - E agora, mamã? perguntou a Fabi, preocupadíssima.
 - Agora temos de arranjar uma solução. Temos de ser muito inteligentes.
 - Agora fiquei com muita sede. Quero beber! disse o Bitó.
 - Também eu... choramingou a Fabi.
- Não compliquem! Não compliquem! Enquanto durar este calor sufocante, é melhor não nos mexermos muito. Fazia-nos muito bem se dormíssemos uma sesta afirmou a dona Fofa.

Depois de abrir a boca cinco vezes seguidas, a dona Fofa adormeceu.

A Fabi e o seu irmão Bitó também abriram a boca cinco vezes seguidas. Depois ficaram muito calados, e logo adormeceram.

A dona Fofa e os seus filhos dormiram nas raízes muito grossas do maior carvalho que havia na mata. Era um carvalho enorme. A sua copa dava uma sombra boa, refrescante.

























EXCERTO Nº 2

As formigas nunca paravam de caminhar. Caminhavam para lá e para cá, para cá e para lá, sempre apressadas.

Umas a entrar no formigueiro e outras a sair dele.

Umas a entrar e outras a sair, umas a entrar e outras a sair. Para lá e para cá, para cá e para lá.

Para lá e para cá, para cá e para lá. Umas a entrar, outras a sair, para lá e para cá, para cá e para lá, para lá e para cá, para cá e para lá.

Que confusão para os olhos daqueles cinco lagartos verdes, com pintas azuis e vermelhas, que estavam em cima da pedra lisa que havia junto das amoras silvestres.

Era bem melhor não se mexerem.

- Oh, que dia tão bom! Oh, que vida tão boa! - dizia o lagarto mais gordo.

Pouco depois de adormecerem, o Bitó e a Fabi começaram a sonhar ao mesmo tempo. Mas eram sonhos diferentes.

No sonho do Bitó apareceram uns cães que ele já conhecia de outros sonhos. Eram nove cães verdes com orelhas amarelas que trabalhavam num castelo com doze torres. Os cães tinham nomes muito bonitos: Tralatrá, Treletré, Trolotró, Trulutru, Trilitri. Também havia o Fachachá, o Fecheché, o Fochochó e o Fichichi.

O Fichichi era o mais pequeno de todos os cães, e o melhor cantor do castelo com doze torres.

No sonho do Bitó, os cães estavam a levar água para dentro do castelo das doze torres. Iam uns atrás dos outros como se fossem formigas, e paravam junto de uma fonte que deitava pinguinhas de água. Uma pinguinha agora, nova pinguinha muito tempo depois.

Era preciso ter muita paciência para recolher a água. Os cães usavam dedais de vidro transparente para apanhar aquelas gotas preciosas.

Enquanto os dedais não ficavam cheios, o Fichichi cantava e voltava a cantar um bocadinho da única canção que ele conhecia:

Parabéns a você, nesta dar querida, muitas felicidades, muitos anos de vida!

Era muito bom que ele cantasse. Assim distraía os animais que estavam na fila esperando vez para beber naquela fonte que largava gotinhas de água com muita preguiça.

























EXCERTO Nº 3

Quatro galinhas pretas com patas, Três gatos pretos com chifres Dois ratos com penas, Uma vaca com óculos escuros

A Fabi sonhava que tinha asas e estava a voar ainda melhor do que uma águia. Lá em cima, bem perto das nuvens, a Fabi assustou-se. De repente viu animais fugindo das línguas gigantescas de um fogo. O fogo queimava num instante as ervas e os arbustos, as árvores e as árvores pequeninas.

Rolos de fumo negro subiam no ar, e a Fabi estava muito aflita porque tinha dificuldade em respirar. Para fugir ao fumo, começou a voar muito depressa.

Mas, pouco depois, sentiu que estava a ficar sem força, que as asas já não batiam tão depressa como ela queria.

- Ai, que vou cair em cima das labaredas! Ai, que vou cair – afligiu-se a Fabi, cada vez com menos força.

Foi nessa altura que a dona Fofa acordou de um sono pequenino, tocou devagarinho na sua filha e lhe disse com uma voz cheia de mel:

- Acorda, Fabi!

A Fabi acordou. E de repente nem sabia onde estava.

- Vai-te embora, sonho tolo! Vai e não voltes a aparecer! – ordenou a dona Fofa com uma voz cheia de espinhos e fazendo uma cara feia.

A Fabi abraçou a mãe com muita força.

Dona Fofa sentiu que o coração da Fabi estava a bater muito depressa.

- -Mãe, porque é que sonhamos? Perguntou a Fabi.
- Para conhecermos mundos diferentes respondeu a mãe
- Porque é que os sonhos nunca são iguais? perguntou a Bitó, que acordara a tempo de ouvir a irmã e a mãe.
- Porque nós não estamos sempre a mudar. Agora vamos descobrir onde há água antes que fiquemos desidratados! respondeu a dona Fofa.

























EXCERTO Nº 4

- Mas não adormeças! Quando te pões a pensar muito, acabas por adormecer! –disse a Fabi.
- Desta vez não vai acontecer... respondeu a dona Fofa.

E logo se pôs a pensar na melhor solução para arranjar água para todos beberem até a sede desaparecer.

Enquanto a mãe pensava, o Bitó pôs-se a imaginar.

Imaginou que os nove cães verdes, em vez de irem com os dedais de água para o castelo das doze torres, vinham ter com eles, muito direitos, muito alinhados.

E quando soubessem que ele, a Fabi e a mãe estavam a ficar desidratados, resolveriam ajudar. Diriam, todos ao mesmo tempo, umas palavras mágicas, que eram estas: Chocochó, chachachá, já está!

Depois de terem dito as palavras mágicas, os nove cães verdes ganhavam asas e voavam.

Voavam sobre as cabras, as ovelhas, os cavalos, as vacas, os bois e os cães. Passavam por cima da rede muito alta e entravam no Lago das Águas Cristalinas.

Em vez de dedais, enchiam baldinhos. Seguravam-nos com a boca e traziam-nos até junto do Bitó, da Fabi, da dona Fofa e de todos os animais que tivessem sede.

- Penso que por estes lados há um rio, mas fica muito longe. E eu não sei qual será o melhor caminho para lá chegarmos. Estamos a ficar muito longe da nossa toca... disse a dona Fofa.
 - E se aparece um fogo? perguntou a Fabi.
 - Não sejas tão medricas! disse o Bitó, ainda a pensar nos nove cães verdes.
 - Chiu... Quem é que está a aproximar-se? perguntou a dona Fofa.
 - É uma águia com garras possantes que nos vem buscar! respondeu a Fabi.
- Ouçam com atenção: o barulho vem do caminho das silvas. É preciso saber ouvir, não se esqueçam do que vos estou a ensinar!
 - O Bitó, a Fabi e a dona Fofa correram a esconder-se atrás de uma pedra que estava perto da macieira.
 - O barulho que vinha do caminho das silvas ficava cada vez mais nítido.

Finalmente, do meio das silvas, apareceu a cabra Cabrela, muito magra e muito velhinha!

























EXCERTO Nº 5

- Ai, lindos, estou estafadíssima! Quando era criança, adorava os penhascos, as alturas, os caminhos estreitos. Mas agora já não posso, tenho tonturas. Corri o mais depressa que pude para vos dar uma boa notícia. A notícia é a seguinte: ai, lindos, agora já me esqueci da notícia. A minha memória está muito gasta! Mas do que é que estávamos a falar? Pois... Eu vim cá para vos dizer que eu sei onde há água, muita água. Fica pertinho da... Não, não é aí! Mas onde é que fica? Ah, já sei... fica no... não, também não é aí!... Ai, lindos, não consigo lembrar-me.
 - Não fique triste, dona Cabrela. Daqui a bocadinho já se lembra de tudo! animou-a a Fabi.
- Exatamente, no muro! É isso! No muro... Ai, lindos, os homens levaram para outro lugar as pedras de um muro muito comprido. Agora no lugar das pedras nasce água. A água é muito boa. Venham comigo, venham comigo!
- A Fabi, o Bitó e a dona Fofa seguiram a cabra Cabrela. De repente, o céu foi invadido por muitas nuvens negras, e depois começou a chover, primeiro de mansinho, a seguir com muita força.
 - Chuva de verão, chuva de verão! gritou a cabra Cabrela, muito feliz.

Fios de água juntaram-se a muitos outros fios de água. E de repente tinha-se formado um regato pequenino. Foi nesse regato que todos beberam, beberam. O Bitó e a Fabi ficaram admirados quando viram a cabra Cabrela a dançar no meio da chuva apenas com as patas traseiras. Que bem que ela dançava!

Com os chapéus a servirem de chapéu-de-chuva, a dona Fofa e os filhos voltaram para junto da toca onde dormiam, seguindo a velha Cabrela, que conhecia um caminho muito mais fácil.

Quando chegaram à toca, e viram que no lugar do muro havia muita água, juntaram-se aos bichos que ali festejavam, e também dançaram com muita alegria.

























EXCERTO Nº 1

Os dois adolescentes começaram a descer um trilho de terra entre a vegetação. O Sol já estava alto e o rapaz sentiu o calor percorrer-lhe o corpo, libertando-o dos seus receios.

Nessa noite, sem que ele se apercebesse, os ciganos tinham mudado de local, acampando na encosta duma serra num lugar deserto, selvagem e belo. Fontes corriam em cascata, o musgo cobria as pedras enormes, um curto vento agreste surgia entre as árvores. Ruy contemplava o vale trincando uma folha amarga de loureiro.

- Gela disse ele chamando a rapariga do arame.
- Diz perguntou Gela.
- É aqui que vocês moram?

Gela olhou-o de frente.

- Nós não moramos aqui nem em nenhum outro lugar disse ela. Nós não moramos, nós vamos.
- E para onde vão? insistiu o rapaz, nada certo de ter entendido a resposta.
- Nós vamos, simplesmente. Um dia estamos aqui e no outro voltamos à estrada, até à próxima terra, onde tudo recomeça: montamos o acampamento, preparamos as tendas, vamos à cidade comprar alimentos e rações para os animais. Depois, os músicos tocam as suas guitarras e nós dançamos, convidando as pessoas a assistirem ao espetáculo.

Gela calou-se de repente. Ficou parada a olhar para um pequeno charco, com uma expressão apavorada, como se tivesse acabado de ver um fantasma.

- O que se passa? perguntou o rapaz.
- Um sapo. Está ali um sapo...

Ruy ficou admirado com a reação da rapariga. Se fosse a sua mãe ou talvez uma das irmãs ainda entenderia. Mas Gela vivia rodeada pela Natureza, andava descalça pelo campo, e não havia dúvida de que era corajosa: passeava no trapézio com a mesma calma com que caminhava naquele carreiro.

- Não fazem mal a ninguém. A não ser às moscas e às libelinhas... disse o rapaz.
- Nós não gostamos de sapos. Trazem-nos azar explicou Gela.

O rapaz estranhou a superstição. Mas depois lembrou-se de que a sua avó, uma mulher muito inteligente, também não gostava de se cruzar com gatos pretos nem de passar debaixo de escadotes.

























EXCERTO Nº 2

As bênçãos nunca são de mais para quem vive de lugar em lugar.

- Eu invejo-te disse Ruy. A vida, lá onde eu moro, não é nada como a vossa. É cheia de regras e horários rígidos. Levanto-me de manhã, tomo o pequeno-almoço, vou para a escola, regresso a casa e mal tenho tempo para me divertir. Depois lancho, tenho mais deveres para fazer. Janto, vou para a cama, e tudo se repete. Não há magia, como aqui.
- Nós também temos muitas regras e deveres, mais do que possas imaginar respondeu-lhe Gela. E também te invejo.
 - Porquê?!
- Podes aprender coisas que nunca saberei. Também gostava de saber ler e imitar as letras que vejo nos livros. Para mim parece magia conseguir viver tantas aventuras, saber tantas coisas, a olhar para folhas de papel iguais umas às outras. E ainda deve ser mais extraordinário escrever as nossas próprias histórias para que outros as leiam. Entre nós só alguns homens, os que fazem as vendas nas feiras, conhecem os vossos símbolos. O meu pai diz que não nos fazem falta as letras dos gadjós, porque tudo o que precisamos de saber está escrito na memória dos mais velhos. Mas eu tenho medo que chegue um dia em que já ninguém se lembre de nós.

Ruy olhou para a rapariga do arame, pensativo. Estava tão fascinado com a vida dos ciganos que nem lhe passara pela cabeça que pudesse haver coisas do seu próprio mundo que eles também gostassem de ter. O rapaz começou a afastar a caruma do chão, até deixar descoberto um retângulo de terra limpa. Depois pegou num galho seco e escreveu quatro letras: G, E, L, A.

- O que é isso? perguntou a rapariga.
- Isto é o teu nome. Se me estás a ensinar o que sabes creio que também posso fazer o mesmo. Contarás tu as histórias do teu povo.

Os dias foram passando, com aquela pressa que o tempo sempre tem quando não estamos a reparar nele. Todas as manhãs, os dois rapazes e a rapariga saíam para o treino. Todas as tardes, Ruy ensinava a Gela as letras e os números, tal como aprendera na escola, enquanto Yanko se distraía a inspecionar ninhos de pintarroxo, a estudar as rendas cuidadas de uma teia de aranha, a descobrir a toca de um toirão no buraco de uma árvore, seguindo o rasto deixado pelas suas pegadas durante a noite.

Ruy, agora que aprendera a respeitar o tempo e o espaço das coisas, descobria-se a fazer o que antes lhe parecia impossível.

























EXCERTO Nº 3

E uma voz de homem, vinda do recanto da alma onde se guardam os segredos, chorava a letra de uma velha canção:

Fiz a minha casa no vento e, como o mar, tenho no vento a minha glória.

Outras vezes não havia música. Apenas o silêncio suspenso nas palavras dos anciãos. Contavam histórias antigas, tão antigas que já não precisavam de fazer sentido para parecerem verdadeiras. Os Rom, garantiam alguns, tinham vindo do Egito, e era por isso que os gadjós lhe chamavam gitanos. Mas também havia quem jurasse que eram oriundos da Índia, onde ainda hoje vivem os ciganos do mar, parecidos com eles nos costumes, na língua e até na forma de vestir. Outros asseguravam que essas terras não foram mais do que pontos de passagem. Que tinha havido um tempo em que o povo Rom não era nómada, vivendo em paz e prosperidade num reino do Oriente Médio. Mas que um príncipe mau, invejoso da prosperidade dos seus homens e da beleza das suas mulheres, os tinha condenado a uma vida errante, espalhados por todos os cantos da terra sem chegarem a pertencer a lugar nenhum.

Numa manhã igual às outras, em vez de acordar lento e pachorrento, como sempre fazia, o gato cinzento levantou-se de um pulo e saiu disparado da carroça. Tão agitado que o rapaz decidiu ver se alguma coisa se estava a passar. Espreitou lá para fora e viu-o saltar para outra carroça, onde Tshilabba estava já sentada, olhando-o como se o esperasse ali. Com o olhar, a phury dae parecia conseguir ler o que lhe ia na alma.

- Chegou a hora de partir? perguntou Ruy.
- Sim, meu rapaz. Mas não tenhas medo. O que julgas estar a acabar ainda mal começou respondeu-lhe a mulher.

Em menos de uma hora todas as mulas estavam aparelhadas às carroças, as tendas tinham sido desmontadas e arrumadas, as loiças e mobílias estavam bem guardadas e as últimas brasas da lareira apagadas. De repente, naquele vale, nada mais restava para provar que ali tinha estado gente a não ser a terra pisada onde depressa nasceria erva nova. Ruy lançou um último olhar sobre o vale. O vento voltara a agitar-se, fazendo abanar a copa das árvores e calando o murmúrio do ribeiro com o seu assobio. Tomás Sabba, sentado à frente da primeira carroça, berrou uma ordem e toda a caravana cigana se pôs em marcha.

























EXCERTO Nº 4

O Sol estava quase a esconder-se no horizonte quando avistaram os primeiros telhados das casas recortando sombras na luz avermelhada do final de tarde. Uma delas, logo ali, onde acabava o campo e a cidade começava, era a do rapaz.

Ruy reconheceu o seu jardim, onde as tílias estavam agora cobertas de flores brancas e amarelas que libertavam um perfume suave no ar. Um a um, os ciganos despediram-se do rapaz. Yanko, que quase não falava, foi dos poucos a dizerem alguma coisa.

- Não te esqueças de sentir o chão debaixo dos teus pés.

Gela, que raramente se calava, não conseguiu abrir a boca. Em vez disso, desapertou a pulseira de pele com medalhas douradas do tornozelo e pousou-a sobre a mão do rapaz.

- E agora vai para casa disse Tomás Sabba. A tua família espera-te.
- Espera-me? perguntou Ruy.
- Sim. Não julgavas que te deixaria passar uma semana longe de casa sem dar notícias, pois não? Mandei que fizessem chegar um recado aos teus pais a dizer que estavas bem e voltarias em breve.

Ruy estava novamente sem fala. Aquele cigano parecia ter o poder de o deixar assim muitas vezes.

- A minha ideia era trazer-te logo para casa, para não ter sarilhos, mas conseguiste convencer-me do contrário com aquela conversa de o mundo ser grande disse Tomás Sabba, sem esperar pela pergunta. Onde é que já se viu um gadjó mais ousado do que um calon? Agora a minha filha também me diz que quer ir para a escola. É o que eu digo...
 - Calons e gadjós não se juntam? perguntou Ruy, com um sorriso nos lábios.
- Sim respondeu Tomás Sabba, pousando-lhe uma mão no ombro. Só que tu não és um calon... Mas bem podias ser.

Quando o rapaz pisou o jardim, viu a mãe empoleirada num banco, a colher flores de tília para o seu chá das cinco da tarde, como sempre fazia no fim de maio. Os seus olhos encontraram-se, os seus braços fecharam-se num abraço silencioso.

























EXCERTO Nº 5

A grande tenda de circo, às riscas vermelhas e brancas, destacava-se, luminosa, no descampado à saída da cidade. Lá dentro, crianças agitavam-se nas cadeiras. Adultos conversavam muito alto sem conseguirem ouvir-se uns aos outros. Vendedores percorriam as filas com balões coloridos, garrafas de refrescos e barras de *nougat*.

Rataplã, rataplã soaram os tambores. E um homem avançou decidido até ao meio da arena. Ali se deixou ficar por alguns instantes, imóvel e silencioso, contemplando as bancadas preenchidas, prolongando a expectativa.

A sua voz grave ecoou então pelas paredes de lona:

- Respeitável público, senhoras e senhores, meninos e meninas: este é o circo cigano! O último verdadeiro circo cigano. Muitos lhes dirão ser artistas. Mas só nós aprendemos com os antigos. Só nós encantámos tanto reis como marajás. Só nós conhecemos os segredos da Natureza, a língua dos animais. Só nós pedimos ao vento que nos faça voar como pássaros, que guie certeiros os nossos punhais. O que agora irão ver – disso podem estar certos – nunca mais esquecerão.

As luzes apagaram-se. Dois focos apontaram para a entrada da arena. Um homem e uma mulher entraram, seguros. Ela, muito morena e olhos cor de avelã, que pareciam irradiar a própria luz. Ele, com a pele clara e olhos azuis-escuros, tão profundos como o mar alto. Subiram ao trapézio, cada um colocando-se numa plataforma, em extremos opostos.

Ruy contemplou o arame, que parecia interminável, agora que estava suspenso a grande altura e não apenas a uns centímetros do chão como nos seus treinos. Respirou fundo e deu um passo em frente. Devagar. Deixando a planta do pé abraçar o fio de metal. "Foge!", suplicou uma voz longínqua dentro de si. "Salva-te! Nada tens a provar. Ninguém espera que um rapaz desajeitado faça isto."

Mas ele já não lhe ligava. Tudo o que ouvia era um ribeiro tranquilo a atravessar pedras redondas. Tudo o que via era o rosto de Gela, na outra margem, esperando-o.

- Boa noite, senhor arame – disse, muito baixinho, para que este o ouvisse. – Peço-lhe que me deixe passar mais esta vez.

Deu mais um passo. E depois outro. E mais outro. Até atingir o meio, onde parou.

Os braços abertos em cruz com as palmas das mãos voltadas para cima. As pernas vibrando como cordas de guitarra. Os pés abraçados ao fio de metal. Subindo e descendo juntos, alimentando-se da energia um do outro.

























EXCERTO Nº 1

Era o princípio do mês de outubro, porém, estava um calor de agosto na cidade.

As aulas tinham começado, havia pouco tempo, no velho Colégio da Sagrada Família, que passara os meses de verão em obras de modernização mas que, ainda assim, continuava a parecer uma velharia, quase um monumento muito antigo, situado num dos bairros mais velhos de uma cidade com séculos de história.

Desde o internamento da mãe na clínica psiquiátrica, tinha ele nove anos, Edu passara a viver em casa da avó paterna, e o percurso até ao colégio e de regresso a casa era sempre feito no Mercedes da avó Aninha, conduzido pelo Florêncio. A viagem durava pouco mais de um quarto de hora quando não havia muito trânsito, mas, em dias problemáticos, geralmente às sextas-feiras, podia durar meia hora. Nesses dias, Edu, sentado no banco traseiro, aproveitava para relembrar as matérias, recitando em voz baixa o que decorara no escasso tempo que dedicara ao estudo, em casa.

Ao princípio, temia que o Florêncio pensasse que ele ia a falar sozinho como via fazer a algumas das pessoas internadas na Clínica do Sagrado Coração; contudo, à medida que foi fazendo menos cerimónia com o motorista, que era também o jardineiro de casa da avó, descontraiu-se e viu que podia ir papagueando nomes de personagens históricas ou regras gramaticais.

O Florêncio, homem paciente quase na idade da reforma, até gostava de o ouvir e sorria quando ele se punha a recitar os tempos primitivos de verbos irregulares ingleses que a professora fazia questão de que todos soubessem de cor. Na verdade, Edu tinha a memória bem treinada e, portanto, não lhe era difícil decorar fosse o que fosse, sobretudo quando se punha a papaguear em voz alta, como estava a fazer naquele momento, na viagem de regresso a casa.

- To eat, ate, eaten... Sabes o que quer dizer?
- E eu lá sei alguma coisa dessa língua de trapos?! ria-se o Florêncio, sem olhar para trás. O menino sabe que eu só andei na escola até à quarta classe e já foi muito para a minha cabeça... Mas, afinal, o que é que isso quer dizer, diga lá...
 - Quer dizer «comer», em inglês.
- Coitados desses ingleses... Têm de enrolar muito a língua para alguém perceber que estão com a barriga a dar horas!

Edu ria-se.

























- Por falar nisso, estou cá com uma fome! Já passa das cinco... Cada vez há mais carros nesta cidade! E sexta-feira ainda é pior! Nunca mais chegamos a casa!
- Já não deve faltar muito, menino, tenha paciência, que eu não posso voar sobre os outros carros, não é verdade? disse o Florêncio, com a sua voz bondosa. Depois, acrescentou, sorrindo: O Mercedes é um grande carro, mas ainda não lhe nasceram asas... É mesmo só o que lhe falta, porque, de resto, tem tudo o que é preciso, do bom e do melhor! A sua avó sabe bem o que tem qualidade, não se assoa a qualquer guardanapo!

Edu riu-se novamente. Já tinha ouvido aquela expressão ao Florêncio e a mais um adulto já de idade avançada, mas, por mais que a ouvisse, dava-lhe sempre vontade de rir. No que se referia ao que o Florêncio dissera sobre a avó Aninha era a mais pura verdade, pois ela era mesmo exigente em tudo, sobretudo em matéria de higiene, alimentação, transportes e calçado, por esta ordem. Já o filho, pai de Edu, não era assim, contentava-se com pouco, a não ser no que dizia respeito à sua carreira de piloto de aviação civil – nesse campo, esmerava-se para ter uma conduta exemplar, jamais se poupando a esforços para se valorizar.

























EXCERTO Nº 2

A avó Aninha sentou-se no cadeirão à cabeceira da mesa e, pegando na mão de Edu, pediu-lhe:

- Sente aí nessa cadeira só um pouquinho, sim?

Edu acedeu, embora não lhe apetecesse continuar a falar daquele assunto, além de que preferia realmente ir apanhar o ar fresco do jardim. Ainda por cima o dia estava ensolarado como se ainda fosse primavera!

- O que é, avó?
- Eu não queria que você ficasse tristinho, sabe? Eu posso entender o que está se passando nessa sua cabecinha: você acha que seu pai vai deixar de gostar de você ao se casar com Guiomar, não é? Diz a verdade pra vovó...
- Não, não é isso, 'vó. A verdade não é essa, palavra que não respondeu ele, quase de lágrimas nos olhos, vendo a doçura com que a avó Aninha o olhava, querendo, a todo o custo, aliviar a sua dor sem saber como fazê-lo. A verdade é que eu tenho pena, muita pena de que o meu pai já não se interesse pela minha mãe. Acho triste e muito injusto, até porque a minha mãe ainda gosta dele, tenho a certeza. De todas as vezes que vou visitá-la, pergunta-me sempre pelo pai... Então, eu invento uma desculpa qualquer para ele não ter ido lá, mas duvido que ela acredite. A minha mãe não perdeu a inteligência, avó. Eu falei lá com a enfermeira que toma conta da unidade onde ela está e ela disse-me que a minha mãe continua a ser muito inteligente, apesar da doença. Às vezes, esquece-se de certas coisas e baralha-se um pouco, mas isso também é por causa dos remédios que tem de tomar.
- Eu sei, meu querido. Sua mãe sempre foi muito inteligente. Se não fosse, não teria cursado Matemática...
 - Pois é, mas não adianta falarmos mais nisto, 'vó. Posso ir agora?

Uns minutos mais tarde, Edu estava sentado no muro do jardim, tentando ler um livro de aventuras que lhe tinham oferecido no dia de anos. Era um romance sobre uma expedição, no século XXII, a uma floresta povoada por uma tribo de seres muito invulgares que falavam uma língua desconhecida para os exploradores que ali tinham chegado, mas que conseguiam perceber tudo o que lhes ouviam dizer, através de uma espécie de poder telepático. O chefe da tribo era o único que tinha asas, e precisamente por essa razão tinha sido escolhido para o cargo; de resto, só os seres do sexo feminino voavam, apesar de não terem asas mas apenas uma membrana em pele que unia cada braço aos lados do corpo. Como o livro não era ilustrado, tendo apenas um desenho vago na capa e outro na contracapa, Edu pôs-se a imaginar aquelas mulheres que não eram bem mulheres e viu-as mentalmente como seres que tinham aproximadamente a sua estatura e uma beleza estonteante, cobertas apenas por véus transparentes de cores claras.



























No último capítulo que lera, levantava-se uma questão pertinente: por que razão nenhum dos seres femininos poderia ser o líder da tribo? E havia várias candidatas dispostas a quebrarem o selo da tradição, pelo que estavam decididas a darem tudo por tudo para melhorarem as suas habilidades no voo, de modo a poderem superar o chefe da tribo, que era um déspota insuportável e verdadeiramente temível.

Fechou o livro e olhou para o céu. Um risco branco de avião cortava o azul intenso que fazia doer os olhos. Quem lhe dera ser já piloto... Viajaria para uma terra bem distante, com toda a certeza e, se não fosse pela mãe e pela avó Aninha, por lá permaneceria muito tempo, para ficar longe do pai e da mulher que ele escolhera para ocupar o lugar da mãe.

























EXCERTO Nº 3

Logo que chegou do colégio, Edu poisou a mochila à porta de casa, foi ter com a avó Aninha à saleta e, depois de lhe dar um beijo, indagou:

- A tia Tóia?
- Sua tia foi visitar uma amiga que mora em Cascais. Deve chegar perto da hora de jantar.
- 'Vó, eu queria fazer-lhe uma pergunta importante...

A avó parou de ler o jornal e deu-lhe atenção:

- Diga, meu bem.
- Viu, por acaso, um anjo de madeira que a tia Tóia me ofereceu no dia do meu batismo?
- Não sei, não, Edu. Não estou me lembrando, mas, quando você veio morar comigo, acho que seu pai trouxe um caixote junto com suas malas e o saco...

Os olhos de Edu brilharam de entusiasmo ao inquirir:

- E esse caixote está onde, 'vó?
- Deve ter ficado na garagem. Na altura, só arrumámos suas roupas e alguns brinquedos que vinham num saco grande.
- Posso ir à garagem procurar o caixote, não posso? perguntou o neto, mostrando-se cada vez mais animado.
 - Poder pode, querido, mas vê se não faz muita bagunça, 'tá?

Edu saiu a correr e foi à garagem, esquecendo-se do lanche que a Olívia já devia ter à sua espera na cozinha.

Vasculhou todos os cantos da garagem até que se lhe deparou uma caixa de madeira que não devia conter garrafas de vinho pois não tinha tamanho para esse fim. Tirou-a da prateleira de metal, poisou-a no chão e abriu-a com grande curiosidade.

Dentro da caixa, encontrou, então, além de postais ilustrados, umas fotografias, algumas delas emolduradas, onde se reconheceu junto dos pais, na praia e noutros lugares onde tinham passado férias quando viviam os três juntos e o planeta Terra tinha um sorriso pintado de orelha a orelha.

























Numa das fotografias mais antigas, a mãe ria-se muito, de uma maneira que ele já não se lembrava de a ver rir. Como era bonita a mãe, sobretudo naquela altura! Tinha um fato de banho azul e branco, o cabelo apanhado atrás e a pele bronzeada. Ele estava a seu lado, de mão dada, com os pés na areia, entretido com um balde de plástico vermelho. Que idade teria ele naquela fotografia? Talvez cinco anos, ou quase. Focou novamente a sua atenção no rosto da mãe. Como ela ficava tão diferente a rir-se! Parecia tão feliz ali! Que vontade de fazer o tempo recuar milagrosamente e levá-la até àquela praia (provavelmente do Guincho) e provocar-lhe uma gargalhada de qualquer maneira, nem que tivesse de fazer-lhe cócegas como, uma ou duas vezes, vira o pai fazer-lhe, deixando-a exausta de tanto se rir!

Colocou a seu lado a fotografia de que mais gostara e continuou a pesquisa, em busca do anjo perdido.

A certa altura, deu com um saquinho de pano de cor clara e lembrou-se das palavras da tia Tóia. Abriu-o e, satisfeito, viu finalmente aparecer nas suas mãos o anjo de madeira que o tal Marcos tinha esculpido.

Intrigado, levantou-se com o anjo na mão e foi para mais perto da luz da garagem para observar os traços daquela figura que cabia na palma da sua mão.

























EXCERTO Nº 4

- Bonito rapaz! Parecido consigo. Muito parecido!

Edu gostava e não gostava de ouvir aquele comentário, que já se repetira muitas vezes. Apesar de amar profundamente a mãe e de ela ser linda, não lhe agradava que o achassem parecido com uma mulher e, mais do que isso, detestava imaginar que algum dia pudesse vir a ter uma doença mental. Sem pensar, meteu a mão no bolso do blusão e encontrou a figura de madeira que o acompanhara. Ainda bem que Ícaro podia ouvi-lo! Sentiu-se, subitamente, aliviado, sem se importar já com o comentário que a senhora idosa fizera a seu respeito.

De repente, lembrou-se: e se mostrasse a estatueta à mãe?

Então, retirou o anjo do bolso e mostrou-lho.

- Foi um presente que a tia Tóia me deu quando eu fui batizado, lembras-te?

Catarina olhou de soslaio para a imagem de madeira e lembrou-se vagamente.

- Tenho uma ideia, sim... Encontraste-a lá no meio das tuas coisas, foi?
- Foi. A tia Tóia falou-me neste anjo e acabei por descobrir que ele estava guardado numa caixa, lá na garagem de casa da avó Aninha.
 - É simples e bonito comentou Catarina, fixando a sua atenção na estatueta do anjo.
- Também acho replicou Edu, em voz mais alta, querendo que Ícaro o ouvisse bem e se sentisse feliz, porque aquela era, na verdade, a sua opinião sincera.
 - É sempre bom ter um anjo por perto disse, então, Catarina, olhando tristemente para o rosto do filho.
- Pois é anuiu ele, muito animado. Eu agora também já sei isso! Aliás, já tinha aprendido, na catequese, mas tinha-me esquecido de uma data de coisas... Fez uma pausa breve para que um casal ruidoso acabasse de se despedir da filha e, depois, prosseguiu: Sabes, mãe, tu também tens de lembrar-te de que tens um anjo da guarda. E esclareceu, como se falasse a uma criança: Não o vês, mas ele existe! E nunca vai deixar que te aconteça nada de grave.
- E eu não sei? volveu a mãe, com um sorriso que não apagava a sua imensa tristeza. O meu anjo és tu, querido! E, um dia, quando fores piloto aviador como o pai, vais voar ainda mais alto do que os anjos! –

























Passou-lhe a mão levemente pelo cabelo, o que era raro, e rematou: - Hei de ver-te voar bem alto, Edu, tenho a certeza. És um rapaz inteligente e a tua imaginação vai levar-te muito longe, meu filho. Sempre soube isso desde que tu eras muito pequeno e já escrevias aquelas redações tão interessantes.

Edu gostou do elogio, mas, enquanto guardava a imagem de Ícaro no bolso do blusão, apressou-se a dizer:

- O que eu queria era ter sempre cem por cento a Matemática, como tu deves ter tido, quando eras aluna...
- Isso não era é verdade, filho. Tinha boas notas, sim, mas nem sempre tinha tudo certo. Respirou fundo e, concluiu: Gostava muito de Matemática, isso sim...

Edu sabia. O pai tinha-lhe contado que ela tirara o curso de Matemática com uma perna às costas; no entender do pai, ela era praticamente um génio. Pelos vistos, isso não o impressionara por muito tempo...

























EXCERTO Nº 5

Edu mordeu o lábio inferior. Parecia que a vontade de chorar tinha voltado, mas, no instante seguinte, misteriosamente, deu por si a carregar nas teclas para escrever:

Pai,

Podia conversar contigo, se pudéssemos encontrar-nos só os dois, mas, como isso deve ser difícil, resolvi escrever-te.

A avó contou-me, ontem ao jantar, que tu vieste cá a casa falar com ela sobre mim.

Avisaste que te vais casar daqui a pouco tempo e, como deves saber, acho péssima ideia. No teu lugar, eu NUNCA trocaria a mãe pela Guiomar. Aliás, nunca trocaria a mãe por NINGUÉM. Mas tu e eu não somos iguais, não é?...

De qualquer maneira, suponho que gostarias que eu fosse ao teu casamento e estive a pensar nisso. Primeiro, achei que ia dizer-te que não contasses comigo, porque, na verdade, tenho a certeza de que, para mim, vai ser uma grande seca (se tivesses a minha idade e estivesses no meu lugar, talvez me percebesses). Depois, pensei melhor com a ajuda de um amigo novo que arranjei, e cheguei à conclusão de que, durante uma data de tempo, te esforçaste por seres um bom pai. Por esta e outras razões de que agora não me lembro, podes contar comigo no dia do teu casamento (posso até ir vestido como um palhaço e tudo, como é costume nessas festas de seca).

Espero que esta minha decisão te deixe contente, porque o que vou dizer-te a seguir talvez te deixe um bocado triste, embora eu não queira magoar-te. É sobre aquele teu plano para eu ir viver contigo, na tua casa. Se fosse só contigo, é logico que não importava nada, embora esteja a gostar de morar com a avó Aninha. Mas não sei como te passou pela cabeça que fosse possível eu ir morar numa casa com a Guiomar, Pai! Sinceramente, não sei onde foste buscar essa ideia que é mais do que estrambólica.

Eu tenho Mãe e ela não se chama Guiomar! Não pode viver ao pé de mim, mas mora sempre no meu coração e eu tenho a certeza de que moro no dela. A Mãe nunca suportaria que eu fosse viver contigo e com outra mulher. Eu também não. Desculpa.

Talvez tenhas pensado que iríamos dar-nos bem os três, depois do teu casamento, mas pensaste pouco (e mal), o que também acontece aos adultos.

Portanto, o que eu quero pedir-te é que não me obrigues a fazer uma coisa que não iria correr mesmo nada bem para nenhum de nós. Acredito que és meu amigo e que, por isso, queres o que for melhor para mim. Eu também quero o que for melhor para ti, de verdade.



























Um dia, quando eu for adulto, talvez dê para nos vermos mais vezes: pode ser que possamos cruzar-nos nos aeroportos, tu a partires para um voo com destino à América; eu para outro, com destino à Índia, ou qualquer outro país.

É engraçado: já reparaste que, na nossa família, quase todos «voamos» bastante? Claro que tu e Mãe «voam» de maneiras diferentes. Também descobri que a avó Aninha «voa» até ao passado, para, de uma certa forma, se encontrar com o avô Juvenal, de quem sente muitas saudades. E eu ainda não sei bem como vou fazer, mas um amigo já me prometeu que há-de ensinar-me a voar. Espero que esse dia chegue depressa!

Por favor, não fiques triste nem zangado comigo, Pai. A avó Aninha até gosta que eu viva aqui com ela, e tu sabes que eu estou bem. Não precisas de te preocupar, a sério.

Espero que a vida te corra bem. A minha vai correr (a voar)!

Um beijo do Edu

























EXCERTO Nº 1

- Senta-te – retorquiu Yankel, ignorando a pergunta e virando-se ostensivamente para Vivienne. – Dáme licença que seja eu a desbravar o caminho?

O escritor sentou-se e pousou o copo à frente da mulher.

- Somos três velhos à mesa disse ela. Ninguém se pode gabar de ter tempo a perder. Avance.
- Então deixe-me ser indiscreto. Diga-me, Vivienne, ainda sente ciúme quando o Eryk se vê ao espelho? A editora olhou para ele, mas ficou calada. Faça um esforço. Estou a falar do reflexo luminoso do seu marido, aquela personagem estupenda que Eryk ama acima de todas as coisas.
- O meu marido não mudou grande coisa, mas perdeu alguma presunção. A escrita fez-lhe o que a vida não conseguiu, talvez esteja mais lúcido, talvez já torça o nariz ao espelho.
- Era o que eu pensava. O Eryk que eu conheci não precisava de mim para escrever um livro, nem de si para me convencer. É para isso que aqui está, não é, Vivienne?

Se Yankel pudesse ver, talvez reparasse no trejeito divertido que o escritor trazia ao canto da boca.

- Engana-se – reagiu ela. – Façam os vossos jogos de cintura, ofendam-se se valer a pena, mas resolvam isto sem mim. Caso decidam avançar, então, sim, eu instalo-me entre os dois e faço-vos a vida negra.

Ambos os homens permaneceram sentados e calados. Ela, de perna cruzada, provou a bebida. Lá fora, o som de um autocarro que passava fez vibrar a vidraça da montra. Um autocarro numa manhã de domingo em Paris. Vivienne pensou nas pessoas que lá iam; Eryk olhou para as unhas.

Mas foi Yankel quem falou:

- Digam o que diabo esperam de mim.

Vivienne pousou o copo e cruzou os braços.

Era a vez de Eryk.

Poucos homens escolhem como morrer e ele estava ali para isso. Mas não queria morrer só e chamara por Yankel, precisava de o ter ao lado para escrever o seu epílogo. Por isso se preparara; ensaiara aquela manhã vezes sem conta; e agora, naquele lugar, num bricabraque de livros e antiqualhas, só conseguia divagar sobre os nichos da loja, o estojo de clarinete em cima dos alfarrábios, as águas-fortes que o livreiro comprava no marché Paul Bert para agradar às concubinas e que ficavam penduradas nas pilastras da livraria

























muito depois de elas partirem. Havia ainda o desenho a lápis de uma mulher nua. O traço grosso, colérico, e a mulher, sentada de frente, devassa, seria Fidelia; era Fidelia. Foi quando Eryk olhou para Yankel. Que restava daquele velho? Ainda escutaria os gritos ou abafara-os no colo das amantes?

Por si, tudo bem, sabia o que ali o levara e podia agarrar-se a isso. A alternativa era virar costas e morrer com as dores de sempre.

- Quero-te ao meu lado para me contares o que aconteceu disse, neutral.
- Já foi contado informou Yankel.
- Sem rostos. Faltam os rostos.
- Uma ausência sem remédio, no que me diz respeito lembrou o cego.
- Não interessa, sabes outras coisas.
- Diz a verdade, Eryk. Tu estiveste lá desafiou Yankel. Mas tenho a certeza de que fechaste os olhos, não foi? Até hoje. Não tens coragem de te enfiar no meio de homens que estão a morrer e escrever o que vês. E agora, sublime ironia, pedes a um cego que te encontre as imagens.
 - É nisso que acreditas?
- Sempre é mais lisonjeiro do que chamar-te cobarde. Do que dizer-te que precisas de mim porque estás do lado dos culpados.

























EXCERTO Nº 2

Encadernador, poeta e dono da mina de ouro, era também comunista, tenor, judeu e ia para velho. Morava num casarão de dois pisos sem muro para a rua, comprido como um comboio, e doara os armazéns mais um terço do jardim para que ali se erguesse a primeira escola da cidade. Era lá que ensinava havia vinte anos.

Saía do shtetl uma vez por ano, sempre em junho, mal acabavam as aulas, e nunca dizia ao que ia. Quando voltava, um mês mais tarde, aparecia sem bagagem, mas todos sabiam que atrás dele chegaria uma tipóia puxada por cavalos. Era um acontecimento. A cidade inteira afunilava-se à porta do professor para ver chegar as caixas. Assim que as pousavam na orla do jardim, Shlomo avançava no meio de dois voluntários e, quando os pés de cabra revelavam os tesouros, a populaça recuava um passo por prudência. Uma a uma, à vista dos basbaques, o professor levava as peças com mil cuidados: um pote com pó amarelo, outro com cinzas, uma peruca, funis e lamparinas, aves embalsamadas, um alambique, brocados e velas de sebo, mapas de pergaminho, meio feto de macaco ampliado no líquido de um frasco, garrafinhas de orvalho e livros, sempre livros. Mal se via a sós com eles, arrancava-lhes as capas! Passaria os meses seguintes a lê-los e a encaderná-los com pele de burro. Nem ele sabia porque se apaixonara por aquele trabalho, as horas perdidas na prensa, a costura, o corte, a cola de farinha a cozer com a pedra-ume. No final, todos os livros pareciam iguais, as mesmas capas escarlate, os rótulos de 3x4, as suas iniciais gravadas a ouro entre as nervuras das lombadas e logo abaixo do título. Assim que acabava um trabalho, punha as vestes de cão molhado e ia sacudir a meticulosidade para o Largo do Mercado, correndo ou jogando com as crianças, oculto nas arcadas da farmácia Kowalska para lhes pregar sustos ou rir com elas.

Mas havia sempre um lugar reservado para Yankel, o seu querido boychick. Conhecera-o na rua, mal equilibrado nos primeiros passos, agarrado às saias de Rasia. Certo dia, no terreiro da sinagoga, resolvera sentar-se a seu lado, mesmo no meio do chão, e deixara-se estar muito tempo a vê-lo brincar com as pedrinhas. Rodava-as com os dedos, cheirava-as, chocalhava-as nas mãos em concha e dobrava o riso por causa do barulho, ou talvez por saber que as conhecia melhor do que ninguém. Mais tarde, vira-o à porta da escola acompanhado por Rasia, que torcia as mãos sem saber se valia a pena. «Traga-o amanhã», ela trouxe, ele ficou, encheu a sala com perguntas de cego e o mestre usou-as para ensinar os outros. Às vezes levava-o para casa e mostrava-lhe, peça a peça, o recheio das caixas. Cada objeto exibia um som ao toque, um aroma, um sabor, uma textura, uma história, e o professor adorava misturar tudo numa fábula fulgurante onde conviviam crianças de outros lugares, canções em línguas nunca ouvidas e lagos de prata incandescente.



























Então raspava os fósforos gigantes que construíra com o pó amarelo, e o garoto, ao escutar os dragões cuspindo fogo, recuava encantado com o calor da chama e o cheiro a enxofre. Mas Shlomo também tomou conta de Shionka, também lhe abriu a escola e a porta de casa.

Ao fim da tarde, passava-lhe o lápis para a mãe e ficava a olhar para ela, para os traços que ondulavam no papel, letras que eram muito mais do que as letras com que escrevia o nome, S-h-i-onka: o desenho primoroso da serpente, o perfil de um trono, o miúdo de cabeça no ar... Depois ensinou-a a ler, e para isso leu-lhe contos, poemas inteiros, epopeias ditadas com o dedo a sublinhar cada palavra, cada sílaba. Foi paciente e valeu a pena; soube-o pelos olhos ávidos com que ela, do lado de lá do livro, varrias as linhas uma a uma.

























EXCERTO Nº 3

Por fim, conseguiu respirar fundo e contar aquilo que via. Melhor: se o amigo assim quisesse, prometia explicar-lhe a nudez da rapariga.

E começou pelas mamas.

Descreveu-as como peras, já contando com os mamilos. Ainda haviam de crescer, mas já tinham o seu peso e, se aquilo era do leite, também podia ser mãe, deduziu entusiasmado. Ao chegar junto da tina, Shionka virou-lhes as costas e libertou-se finalmente do vestido, deixando-o escorregar até ao chão. Depois, mergulhou os tornozelos e a água transbordou. Eryk passou as mãos no rosto. As ancas, caramba, como se diz de um par de curvas tudo aquilo que lhe ia na cabeça? Sem saber bem detalhar, falou antes da cintura, exagerou como quis, para garantir no fim que era estreita como um braço. Sempre de costas, Shionka baixou-se para ensaboar os pés, só que, ao fazê-lo, expôs-se de tal maneira que Eryk perdeu a cor. Por dentro, o rabo era igual ao dele, explicou desconcertado; como se pode ter um filho por ali?

Yankel ficou calado, também não fazia ideia. Por fim, ela virou-se de frente e espremeu um pano encharcado sobre os ombros. De seguida, esfregou o sabão na pele e espalhou a espuma com as mãos. Eryk esqueceu-se de Yankel, esqueceu-se da floresta e até da razão de ali estar. Os seus olhos perseguiram os dedos de Shionka por todos os recantos e assim continuariam mesmo depois de ela partir. Yankel transpirava como ele, mas não quis fazer perguntas. Aquilo que o amigo contara sabia ele das brincadeiras, dos empurrões, das vezes em que ela se encostara para melhor o guiar. De repente, Eryk deu-se conta do seu êxtase e pareceu envergonhado; inventou a correr uma piada, qualquer coisa sobre pilas, que ambos aproveitaram para forçar o riso.

A verdade é que algo se passou naquela tarde que quebrou os dois rapazes. Não deram logo por isso, apenas na manhã seguinte, quando acordaram tristes. Nenhum contara com essa dor, não podiam imaginar que o amor começa assim.

Dali em diante, iriam atravessar-se no caminho de Shionka as vezes que pudessem, mesmo que para tal se pisassem um ao outro. Porém, sempre que isso acontecia, nem tocavam no assunto, não fossem arreliar-se.

De surpresa em surpresa, a disputa entretinha a rapariga. Sem parar de vasculhar no seu espírito engenhoso, Eryk encontrava sempre alguma coisa: um bilhete com um poema, uma história inverosímil em que ele sobressaía, pequenos heroísmos como quando lhe apareceu com um casal de salamandras.

























Já Yankel se fazia notar pelo desvelo. Descobria cheiros ocultos entre as folhas da floresta, amassava-os entre os dedos e levava-os a Shionka para lhe perfumar o pescoço com gestos delicados. Mas não foi apenas isso que a fez tomar partido.

Havia mais uma coisa, a única crucial:

Yankel ofereceu tudo o que tinha: não a via nem ouvia, mas pôs-lhe a vida nas mãos e ainda se sentiu indestrutível. Aquilo que ela pisasse seria terreno firme, e ele seguia-a. Isso via-se-lhe nos gestos, na certeza dos seus passos, como se o chão em que andava já não fosse traiçoeiro. Por vezes, dizia-lhe o que sentia quando se encostava a ela; outras vezes, só queria saber de si e chamava-a para lhe pedir se podia penteá-lo, se podia ver-lhe as unhas, aquelas pequenas coisas que quem vê faz em recato.

Shionka começou por divertir-se, mas, mesmo sem dar por isso, já tinha escolhido Yankel; tanta honestidade havia de ser o bastante para poder morrer por ele.

























EXCERTO Nº 4

Passaram mais duas horas. Durante esse tempo, Eryk e o seu grupo espalharam-se pelo campo. Uns sentaram-se à espera, outros procuraram qualquer coisa onde levar a sopa, mas, quando os outros prisioneiros regressaram da floresta, já todos aguardavam pela fila do jantar. A refeição do fim da tarde lembrava realmente a sopa do meio-dia, menos líquida, é certo, mas com o mesmo sabor a porcaria que nem as lascas de peixe seco conseguiam disfarçar. Com a noite, veio o vento, e os que tinham para onde ir resguardavam-se do frio. Nãos se viam guardas, mesmo assim as filas à porta dos blocos duraram pouco. Num instante, aqueles que haviam chegado de manhã acharam-se outra vez a sós. Foi quando Sobol, o assassino, avançou empertigado até ao barracão mais próximo, esbarrando na porta trancada. Transtornado pelo frio, esmurrou tudo o que encontrou, esfolou-se contra as tábuas, prometeu-lhes o inferno caso não o atendessem, mas nem a porta se abriu nem ninguém lhe respondeu. A cena repetiu-se um pouco por todo o campo, deixando o gigante ao desabrigo, bem como o resto do grupo. Foi então que as luzes se apagaram, restando apenas os focos desmaiados junto à cerca. Depois, a chuva e uma corrida desorientada, os encontrões e o som dos pés a despegarem da lama. À falta de resguardos, sentaram-se encostados a qualquer coisa no escuro, taparam-se com as golas e esperaram que a manhã viesse desmentir as horas que passaram sem dormir.

Os vultos do campo começaram a ganhar forma e cor, mas pouco passariam do cinzento. A sirene voltou a ouvir-se e, passados momentos, as portas dos barracões abriram-se ao mesmo tempo. Os residentes saíram com as mãos metidas nos bolsos e os queixos apertados contra o peito. A seguir, formaram para o café, uma fila de escravos silenciosos a baterem com os pés no chão para espantar o frio. Sem ter por onde beber, Eryk foi trabalhar na mesma, pelo que, chegada a altura, seguiu atrás dos outros a caminho da floresta. Assim que regressasse, haveria de fazer como os demais e lutar, qual animal, por um copo ou uma colher. Também poderia levar aquilo a bem e ajustar, negociar sem qualquer escrúpulo, até porque no campo tudo estava tabelado: uma malga por rapar era o mesmo que um cigarro, umas folhas de papel para escrever davam para outras tantas sopas, e por cerca de meio pão e um bocado de lábia levava-se um garoto para o beliche.

























"OS LOUCOS DA RUA MAZUR"

de João Pinto Coelho

EXCERTO Nº 5

- Estraguei-lhe o domingo.

Ela tinha-se encostado à ombreira da porta, estava exausta e receava que, ao sentar-se, já não fosse capaz de voltar a pôr-se de pé. Mas não parou de olhar para ele.

-Nunca mais me peças para sair – disse-lhe com a voz sumida.

No quarto de hora seguinte, só Marceau não se calou, e Yankel acabou de adormecer. A certa altura, cruzou os braços sobre o peito, um gesto que ela reconheceu por lho ter visto tantas vezes. Sim, aquele era o rapaz que adormecia junto ao lago, a imagem era a mesma, só faltava ali Shionka.

Por isso, Vivienne pegou no casaco e, sem o vestir, saiu do quarto e entrou na porta em frente. Diante do lavatório, tirou o batom de um dos bolsos do casaco e aproximou o rosto do espelho para retocar os lábios com a tal cor de vinho envelhecido. A seguir, retirou os ganchos do cabelo branco e usou os dedos para o soltar. Deu um passo atrás e achou-se honestamente bonita. Sem nunca deixar de se olhar nos olhos, desabotoou a camisa devagar, desprendeu os colchetes da saia e deixou-as cair ao mesmo tempo. Sentiu as dores do costume quando se sentou na borda da banheira para descalçar os sapatos e despir os collants. Por fim, tirou o soutien, as cuecas e a cinta da hérnia, mas deixou a combinação. A estática colou-lhe a seda ao corpo e isso lembrou-a da nudez; era agradável, não se lembrava de se sentir nua. Mal achou que estava pronta, foi ter com ele e sentou-se na cama devagar para não o acordar; mas acordou-o, tanto melhor. Com a ajuda das mãos, içou as pernas para cima do colchão e, deitando-se de lado, encostou-se a ele.

Sem nada que os lembrasse de fazer perguntas ou dizer fosse o que fosse, Vivienne recordou-se do dia em que o levara à floresta pela primeira vez. Viu-se de novo ali, na margem do lago, a massajar-lhe os olhos, os círculos delicados em volta das pálpebras que agora repetia com os dedos cheios de artroses para se dar a conhecer.

A seguir, bastou-lhes ficar quietos, em silêncio.

Era já de madrugada quando ela pegou outra vez nas folhas. Yankel ouviu-as a passar, primeiro de rajada, depois uma a uma, até pararem na página deixada a meio.

Mesmo ao lado, Marceau pareceu desistir do tic-tac.

Shionka tinha uma história para ler até ao fim.





















